

# A NOÇÃO DE VERDADE E A PESQUISA EM LINGUÍSTICA APLICADA: BAKHTIN COMO UM POSSÍVEL INTERLOCUTOR

## THE CONCEPT OF TRUTH IN APPLIED LINGUISTICS INVESTIGATION: BAKHTIN AS A POSSIBLE INTERLOCUTOR

**Maria Bernadete Fernandes de Oliveira\***

---

### **RESUMO**

Este artigo discute a noção de verdade subjacente à produção do conhecimento no campo das Ciências Humanas, traçando um paralelo entre o posicionamento assumido por Mikhail Bakhtin em seus escritos e aquele de outros pensadores, mais particularmente aqueles inseridos nas áreas da Metodologia da Pesquisa Qualitativa e dos Estudos Culturais, priorizando as dimensões axiológica e epistemológica da pesquisa, com vistas a contribuir para a investigação das práticas discursivas nas várias esferas das atividades humanas no campo da Linguística Aplicada.

**Palavras-chave:** produção do conhecimento; noção de verdade; Linguística Aplicada; Círculo de Bakhtin.

### **ABSTRACT**

This paper discusses the notion of truth which underlies the production of knowledge in the Humanities. It focuses on a comparison of the perspective of Mikhail Bakhtin and that of other researchers oriented by the Methodology of Qualitative Research and Cultural Studies. The approach suggests the axiological and epistemological dimensions of the investigative process as a contribution to the study of discursive practices in Applied Linguistics.

**Keywords:** knowledge production; concept of truth; Applied Linguistics; Bakhtin Circle.

---

### **INTRODUÇÃO**

Nos dias atuais, em função do papel desempenhado pela ciência e pela tecnologia na transformação da vida cotidiana, vem tornando-se relevante problematizar os modos de produzir conhecimento na área das Ciências Humanas, a partir dos pontos de vista que pensam o ato de conhecer como uma busca pela compreensão dos problemas da vida e do mal-estar cultural da pós-modernidade (BAUMAN,

---

\* UFRN, Natal (RN), Brasil. [mbernadete@ufrnet.br](mailto:mbernadete@ufrnet.br)

1998) e daqueles que levam em consideração o fato de o social não se encontrar atado ao cultural-simbólico deterministicamente (HALL, 2003).

Esses dizeres instigam a ciência ao diálogo com a vida concreta dos seres humanos, sem descartar outras formas de conhecimento, enfim, ciência entendida como uma prática social que defenda o conhecimento interessado como um dos princípios orientadores da produção de conhecimento na área das Ciências Humanas (SANTOS, 2007, 2008 e 2011).

No campo específico da Linguística Aplicada (doravante LA), principalmente na vertente crítica explicitada nos escritos de Moita Lopes (2006, 2009) e Rojo (2006), surge a necessidade de que o processo investigativo esteja ancorado, de um lado, no princípio ético preliminar de não causar sofrimento humano e, de outro, na politização dos estudos das práticas discursivas, considerando como constitutivas dessas práticas as relações ideológicas e de poder. Entendendo que as verdades epistemológicas são contingentes e que estamos fadados a viver com essa contingência, esses autores propõem a construção de uma epistemologia no campo da LA, cujo objetivo seja o de ultrapassar fronteiras disciplinares, escapando assim de uma narrativa única e universal como forma de responder às mudanças sociais com as quais nos deparamos em diversos contextos da contemporaneidade. Entre essas questões, que precisam ser tratadas, coloca-se a necessidade de problematizar a relação entre construção do conhecimento e produção de verdade.

Nesse sentido, o objeto de estudo da LA, as práticas discursivas produzidas por sujeitos construídos socialmente nas relações com a alteridade, sujeitos com gênero, raça, sexo, corporificados, com identidades em construção, deveria incorporar a complexidade desse sujeito, ao buscar compreender os processos de significação e de valoração subjacentes à multiplicidade dos discursos produzidos e circulantes na sociedade.

Assim sendo, a LA não pode dispensar em seu escopo conceitual a opção por um modo de fazer pesquisa<sup>1</sup> pautado em um paradigma qualitativo, questionador do primado da cientificidade que se materializa na ideia de verdade absoluta, da racionalidade como característica única e definidora do ser humano, e da compreensão idealista do indivíduo (OLIVEIRA, 2012). Um paradigma que assume como metáfora, em sua vertente atual, o cristal, o que, no dizer de Denzin e Lincoln (2006), significa remeter para a ideia daquilo que está sempre em mudança, passível de alteração e capaz de refletir e refratar a exterioridade e a si mesmo.

---

1 Para complementação da discussão sobre as áreas de interesse da Linguística Aplicada e o modo de produção de conhecimento, em sua dimensão crítica e transdisciplinar, ver Signorini (1998); Pennycook (2003); Kumaravadivelu (2006); Rojo (2006).

Em outras palavras, uma produção do conhecimento que considera como integrantes do processo de investigação, aspectos relacionados ao sujeito, ao tempo, à historicidade, à subjetividade, às relações de poder e à ética, explicitando o entendimento de que o modelo dominante no campo das Ciências Humanas apresenta-se como multifacetado e resultante de multicausalidades (SCHNITTMAN, 1996; LAVILLE e DIONNE, 1999).

Considerando que o objeto de pesquisa no campo das Ciências Humanas é o ser humano, em suas relações sociais, singulares, historicizadas, de natureza múltipla e plural, objetivamos nesse artigo problematizar a construção da noção de verdade abstrata, generalizante, enraizada nos princípios do racionalismo clássico. Nosso ponto de partida será uma revisão da noção de verdade em alguns autores das Ciências Humanas, para em seguida dialogar com o posicionamento formulado por M. Bakhtin. No processo de construção e de desconstrução da noção de verdade única, focalizamos privilegiadamente as implicações desse conceito para a pesquisa, em suas dimensões epistemológica e axiológica.

## 1. A CONSTRUÇÃO E A DESCONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE VERDADE<sup>2</sup>

Na historiografia da produção intelectual ocidental, uma das noções mais antigas da verdade remonta aos gregos (AMORIM, 2007). Trata-se da Aléthéia, cuja característica fundamental é aquela de que a verdade implica ser fiel ao fato conforme sua existência na realidade concreta, um verdadeiro sinônimo do evidente, daquilo que é da ordem do visível e do transparente. Uma verdade que é enunciada pela palavra corporificada<sup>3</sup>, pronunciada por aqueles que ocupam determinadas funções sociais, os detentores de autoridade, no caso específico, o poeta, o adivinho e o rei. Por configurar-se como sendo a representação da palavra divina, essa verdade não presta contas a seu destinatário, seu compromisso estabelece-se apenas com quem a enuncia, é a verdade do enunciador. Bakhtin faz referência a um tipo de palavra com característica semelhante, a palavra de autoridade, às vezes também autoritária, aquela que exige apenas “o reconhecimento e a assimilação” (BAKHTIN, 1934/1990, p. 143). Essa palavra de autoridade inscreve-se em várias

---

2 Esclarecemos que nosso objetivo é discutir a noção de verdade unicamente nos limites da produção da pesquisa no campo da LA. Ou seja, não é objetivo entrar na vastíssima e infundável discussão filosófica sobre essa noção.

3 Bakhtin (1923/2003) já apresentava a ideia da palavra corporificada, a palavra encarnada, contudo essa ideia, vinda desde os gregos, perde-se na história das ideias sobre a linguagem, retornando à cena na contemporaneidade (PINTO, 2007).

esferas das atividades humanas, com destaque para as esferas religiosa e científica, cuja apropriação e transmissão dificultam sua alteração. No dizer de Voloshinov (1929/1992), esse modo de apropriação da voz alheia corresponderia a um estilo linear que, quanto mais dogmático, quanto mais autoritário, menos permitiria sua modificação pelo autor do enunciado. No caso da esfera do discurso científico, por exemplo, o estilo linear apresenta-se sob a forma das citações *ipsis litteris*, exigência normativa para esse gênero discursivo, mas também, metaforicamente, podemos pensar no estilo linear com relação aos mecanismos de generalização resultantes de modos de produção do conhecimento que não atentam para a natureza singular das evidências empíricas, quando relacionadas à vida dos seres humanos.

Segundo Amorim (2007), a Aléthéia, essa primeira forma de verdade conhecida no Ocidente, desfaz-se com as reformas burguesas dos séculos XVII e XVIII, as quais trazem em seu bojo a laicização da palavra, instaurando o Logos, o domínio público da palavra. Nesse processo, a palavra, de um lado, deixa de ser constitutiva da ação verdadeira que semiotiza e perde sua natureza corporificada, de outro, firma-se como instrumento de acesso ao conhecimento científico, instaurando, por sua vez, um interlocutor a quem se dirige.

Assim é que a linguagem, de constitutiva da noção de verdade, por ser a transmissão da palavra divina, passa a ser apenas uma roupagem para a ação<sup>4</sup>. Assistimos ao nascimento das teorias científicas, com elas o saber demonstrativo, cuja noção de verdade, representada pelo logos, domina o paradigma da Ciência Moderna.

É essa noção de verdade abstrata e universalizante que se torna objeto de questionamento na contemporaneidade, principalmente no processo de produção do conhecimento em uma dada linhagem das Ciências Humanas. Entre as críticas mais ácidas a essa concepção de verdade, situa-se a Escola de Frankfurt, com destaque para Adorno e Horkheimer (1985), que, em um de seus textos mais conhecidos, *Dialética do esclarecimento*, afirmam que a teoria do conhecimento promovida pelo Iluminismo baseava-se na premissa de que os seres humanos apenas poderiam compreender e conhecer algo que pudessem controlar, originando o famoso slogan de que “o iluminismo é totalitário” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.22). Diferentemente dessa perspectiva, pensavam os frankfurtianos que o sentido do conhecimento é o de iluminar o mundo, construindo visões de futuro que mostrem esse mundo pleno de contradições em toda a sua complexidade.

---

4 Configura-se uma visão de língua que se mantém até hoje, em determinadas postulações teóricas, calcada no pensamento leibniziano de que interessa apenas as relações que se travam entre signos, em detrimento da relação do signo com a realidade e com o sujeito que o enuncia (VOLOSHINOV, 1929/1992).

Essa compreensão, de certa forma, respalda o ponto de vista de que a verdade produzida sobre o mundo concreto não é a mesma para todos, em todos os momentos, uma vez que o mundo concreto é atravessado por visões plurais, muitas vezes conflitantes e contraditórias. Mais recentemente, Santos (2007) afirma que a ciência, cuja matriz tem raízes na verdade absoluta, em um rigor metodológico assentado em mecanismos estatísticos e matemáticos, não consegue fazer compreender os eventos singulares, a natureza fluída e movente dos acontecimentos e do sujeito contemporâneo, em suas relações com o mundo e com os outros. Segundo o autor, para escapar de uma verdade absoluta, uma teoria crítica deveria buscar a superação das culturas monológicas do saber científico, da linearidade do tempo e da naturalização das diferenças.

Concordando com essas premissas, o questionamento e a reflexão sobre a noção de verdade única na produção do conhecimento emergem também no campo da LA. Moita Lopes (2006, 2009), por exemplo, considera que o processo investigativo tradicional, pautado na crença de uma racionalidade que conduz a verdades universais, obscurece o modo como os seres humanos vivem suas vidas cotidianas, seus sofrimentos, seus projetos políticos, seus desejos. Defende esse autor a necessidade de se problematizar a equação tradicional entre construção de conhecimento e produção de verdade, afirmando que o conhecimento teórico é deste mundo, ou seja, porta valores, ideologias, desejos, ações políticas e éticas como partes constitutivas da construção de verdade na pesquisa.

Em síntese, uma determinada linhagem de estudiosos, no campo das Ciências Humanas, questiona a noção de verdade única, obtida através de um método objetivo, dominante na Ciência Moderna, explicitando como seu argumento principal o fato de que não há verdade única quando se pretende dar conta do ser humano e da complexidade de suas relações sociais, nas esferas da vida pública e privada.

## 2. DIALOGANDO COM A NOÇÃO DE VERDADE EM M. BAKHTIN

A partir dessas colocações, vamos ao encontro de textos produzidos por M. Bakhtin, na tentativa de entender como se constrói a noção de verdade para esse autor e como sua compreensão de verdade dialoga com a de outros pensadores.

Visitamos em um primeiro momento o texto *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 1919/2010). Nele, esse autor propõe-se a discutir princípios que de-

veriam reger uma filosofia primeira, entendida no sentido aristotélico, isto é, uma filosofia que se preocupe em compreender o ser humano no processo de sua existência. Para tanto, dirige-se ao mundo da cultura, o mundo onde são produzidos conhecimentos e artes<sup>5</sup>, traçando aquilo que poderíamos chamar de um Estado da Arte de expressivas teorias produzidas e em circulação, até então. Nesse diálogo, particularmente com teorias pertencentes ao campo da ciência, da filosofia, da ética e da estética, afirma aquele autor que estas seriam portadoras de um atributo, por ele denominado de teoreticismo.

Isto é, a investigação que se realiza descolada do ser e de sua existência concreta, nos eventos do mundo da vida, gera conhecimentos que remetem para verdades generalizantes, as quais, por estarem calcadas em valores abstratamente construídos, orientam para um dever ser também absoluto.

A postura universalizante assumida pelo teoreticismo traria em seu bojo a noção de uma verdade única, pré-fixada, tida como natural, que o autor chama de - "istina" -<sup>6</sup>, em detrimento de uma verdade - "pravda" - aquela que não possibilitaria uma fixação em um chão firme, por estar sempre em movimento, sempre em construção (RIBEIRO, 1999).

Aqui caberia um parêntese para comentar que a crítica ao modo de produzir conhecimento, na figura do teoreticismo, não torna Bakhtin avesso às teorias<sup>7</sup>. Ao contrário, Bakhtin (1919/2010) considera que é papel do mundo da cultura realizar atos investigativos, de forma a tornar "verdades conhecidas", fatos cuja veracidade é inegável e cuja existência necessita ser anunciada e materializada semioticamente<sup>8</sup>. Assim, a crítica ao teoreticismo não pressupõe abandonar a reflexão sobre a realidade, sobre o mundo concreto, como forma de conhecê-lo. A crítica dirige-se para um conhecimento que, por estar mais próximo da unidade teórica, da constância de conteúdo e da repetibilidade, reduz e empobrece a singularidade individual, produzindo uma verdade constituída apenas de momentos gerais que submete o sujeito a um dever ser normativo, em uma lei imanente de que "quem diz a, deve

---

5 Neste artigo, limitado à temática da produção do conhecimento, trataremos apenas do ato de conhecer, deixando de lado as preocupações desse autor com o ato estético, embora tenhamos conhecimento de que os atos cognitivo, ético e estético são apenas faces de uma mesma ação humana.

6 De nosso ponto de vista, a verdade - istina- corresponde ao conceito de verdade presente no racionalismo clássico.

7 No campo das Ciências Humanas, nos dias de hoje, há entendimentos de que ao se negar os princípios subjacentes ao método cartesiano, nega-se ao mesmo tempo o valor da construção teórica, supervalorizando-se o lugar da prática, gerando o que se costumou denominar por epistemologia da prática (SACRISTAN, 2002).

8 Presente nesse entendimento, a natureza constitutiva da relação entre linguagem e realidade, explorada com mais explicitude por Voloshinov ( 1926/1977; 1929/ 1992).

dizer b, c, e assim todo o alfabeto [...] Quem diz um, deve dizer dois" (BAKHTIN, 1919/2010, p.89). E assim esse conhecimento é dominado pela necessidade e princípio de seriação, tão caro a certos paradigmas presentes, por exemplo, nas Ciências da Linguagem<sup>9</sup>.

Para aquele autor, portanto, a verdade (istina) constrói-se ao separar-se o conteúdo do ato do momento em que esse ato foi produzido e de quem o produziu; em outras palavras, uma verdade obtida a partir de um olhar para o objeto da investigação, descolado e indiferente à historicidade desse objeto. Como consequência de sua produção de uma forma indiferente à singularidade dos eventos e dos seres humanos em suas relações sociais, essa noção de verdade torna-se incapaz de orientar futuras ações que se realizam no mundo da vida, o mundo "de nomes próprios, [...] destes objetos singulares e de certos dados cronológicos da vida" (BAKHTIN, 1919/2010, p.114). Dessa forma, para esse autor, tentar superar a dicotomia entre conhecimento e vida a partir do interior do conhecimento teórico, como o fazem a maioria das teorias, é praticamente impossível, porque o mundo teórico, ao se fechar em suas próprias fronteiras, não comporta o ser em sua existência, "nele, por princípio não tenho lugar" (BAKHTIN 1919/2010, p.52).

Acredita aquele pensador que o mundo construído pelo conhecimento científico é, sem dúvida, um mundo particular, autônomo, mas que não pode ser entendido como separado do mundo da vida, pelo contrário, deveria ser "integrado no evento singular e único do existir [...], o que se realiza através de uma [...] consciência responsável em um ato-ação real" (BAKHTIN, 1919/2010, p. 58).

Esse processo de conhecer, gerador do teoreticismo, ao considerar seu objeto - o ser - apenas como um sujeito gnosiológico, ou seja, abstraindo esse ser de sua existência concreta, transfere as avaliações valorativas, presentes nos atos produzidos por esse ser no mundo da vida, para uma unidade abstrata, com existência apenas no mundo da cultura, impossibilitando dessa forma o reconhecimento das verdades e dos deveres singulares, presentes na eventicidade do ser.

Ao questionar a arrogância da verdade única, Bakhtin posiciona-se em face de uma ciência interessada, aquela que se apresenta "com as cores daqueles que a construíram e daqueles que utilizam esse conhecimento, em outras palavras, com seus valores", como diriam Laville e Dionne (1999, p.94). Ou seja, a ideia de que o ato do conhecer tem cores porque o mundo da vida, que esse ato pretende conhe-

---

9 Um exemplo é o princípio das relações paradigmáticas da estrutura da língua que obriga a quem diz "o" dizer "menino"; a quem diz "a" dizer menina e assim por diante. Esse conhecimento sobre a estrutura da língua dispensa a singularidade dos atos de linguagem efetivamente produzidos em situações concretas.

cer e representar, é múltiplo, complexo, assim como os seres humanos que nele habitam e suas relações sociais. Traduzindo essas cores por jogo de valores, podemos pensar que, para esses autores citados, todo e qualquer conhecimento é atravessado por visões de mundo, inscrevendo-se, portanto, no eixo axiológico.

Defendendo a posição de que qualquer investigação ou qualquer formulação teórica que pretenda dar conta da existência do ser e apresentar orientações para sua vida teria necessariamente como ponto de partida o mundo da vida, “o único mundo em que cada um de nós cria, conhece, contempla, vive e morre” (BAKHTIN, 1919/2010, p. 43), complementa esse autor que é nesse mundo onde se realiza o ato ético, entendido como a ação humana concreta, responsável, posicionada, que emerge em relações intersubjetivas.

Em outras palavras, a produção de conhecimento que pretende evidenciar as verdades singulares, as verdades contingentes, moventes, deve ter como ponto de partida o ato, a ação humana realizada, além do que é através do ato que se pode reconhecer o sujeito, sua responsabilidade e responsividade por aquilo que produz.

A partir dessa perspectiva, ao se instaurar uma verdade construída a partir do ato concreto de quem o produz e de todas as circunstâncias envolvidas em sua realização, materializa-se o posicionamento de um sujeito, de um interesse, de uma intencionalidade que vão apontar para uma verdade contingente e não para uma verdade abstrata, de natureza generalizante.

Em resumo, isso significa dizer que, na perspectiva bakhtiniana, a verdade não é uma categoria universal, ou seja, ela emerge em um processo de produção de conhecimento no qual o ato de conhecer encontra seu objeto de estudo já atravessado por valores, ou seja, aquilo que se apresenta para ser conhecido não é uma coisa vazia, mas algo inscrito em uma realidade complexa, diferencialmente valorada. Em outras palavras, segundo aquele autor, considerando que não existe o “homem em geral” e sim um eu e um tu singulares e concretos, a verdade, a ser produzida pelo conhecimento teórico, decorreria de uma descrição da arquitetura<sup>10</sup> concreta do mundo real no qual o ato se realiza cujos momentos concretos fundamentais da sua construção ancoram-se nas relações “eu-para mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro” (BAKHTIN, 1919/2010, p.114). Ou seja, é em torno das relações entre o eu e o outro que se dispõem os valores científicos, estéticos, políticos, religiosos, instaurando-se assim, desde o início do ato cognitivo, o ponto de vista ético, a relação com os valores. Um ponto de vista, a meu ver, partilhado pelo paradigma

---

10 O termo arquitetura é cunhado pelos autores do Círculo de Bakhtin, desde os primeiros de seus escritos para explicitar a ideia de que a arquitetura da vida não é apenas composicional no sentido estrito da forma, mas envolve também aspectos relacionados ao conteúdo (BAKHTIN, 1934/1990).

qualitativo, materializado no posicionamento de Lincoln e Guba (2006), quando estes consideram que a dimensão axiológica é inerente ao processo investigativo como um todo.

Essa concepção de verdade produzida pelo ato cognitivo, que considera a singularidade do evento a ser conhecido, de sua historicidade e dos sujeitos envolvidos nesse processo, traz implicações para a dimensão epistemológica da pesquisa, aquela dimensão que diz respeito ao pesquisador em sua relação com o objeto pesquisado.

Na formulação bakhtiniana, a ciência em si não entra em relação direta com a realidade concreta nem com a realidade do ser. Cabe ao pesquisador, como sujeito ético, esse papel. Nesse sentido o pesquisador é duplamente responsável, pelo conhecimento produzido e pelo objeto a ser conhecido (BAKHTIN, 1990/1924). Subjaz a esse entendimento a presença de uma ética da responsabilidade, digamos, a ser seguida pelo pesquisador, retomando-se aqui a noção presente em escritos anteriores, sobre o não álibi do ser em relação à sua existência, comprometendo-se o pesquisador com as verdades que produz. Contudo, essa responsabilidade do ser não diz respeito apenas ao conteúdo do tema objeto em questão, uma responsabilidade técnica, mas também a uma responsabilidade moral, caracterizada pelo fato de que “minha assinatura colocada no final” (BAKHTIN, 2010/1919, p.94), traz em si obrigações para o sujeito, no caso, para o pesquisador. Ou seja, podemos interpretar que o pesquisador, como um autor criador/produtor de conhecimento, ainda que mude seu ponto de vista, ao longo de sua atividade como profissional, não pode se eximir da responsabilidade por aquilo que produz. Seu posicionamento é o de um observador humano da condição humana, um sujeito ético com determinada consciência que “saberá em que consiste e quando deve cumprir o seu dever moral, ou mais precisamente o dever” (BAKHTIN, 2010/1919, p.48)<sup>11</sup>. Em outras palavras, desse ângulo, ao pesquisador é necessária a clareza de que o ato cognitivo, a ser por ele praticado vai encontrar um objeto (sujeito) “já apreciado e de certa forma ordenado, perante o qual ele deve ocupar, com conhecimento de causa, sua posição axiológica” (BAKHTIN, 1990/1924, p.30). Nesse sentido é que a interpretação do objeto de pesquisa, pautando-se nas lentes teóricas selecionadas, exige um

---

11 Aparentemente essa afirmação poderia configurar uma visão ingênua ou até idealista de Bakhtin (como querem alguns), ou seja, admitir que todos os indivíduos reconhecem e assumem a responsabilidade por seus atos e as devidas consequências. Mas, já no texto de 1919, ele admite a existência de um pensamento não encarnado, uma ação não encarnada, ou seja, desinteressada, de tal forma que para ele, “a crise contemporânea é, fundamentalmente, crise do ato contemporâneo. Criou-se um abismo entre o motivo do ato e o seu produto, e, em consequência disso, também o produto, arrancado de suas raízes ontológicas se deteriorou” (BAKHTIN, 2010/1919, p. 115).

posicionamento do pesquisador, de um lugar diferenciado do pesquisado, porém realizando-se como um agir participativo, não-indiferente.

Esse modo de compreender a relação com o outro no processo investigativo, pressuposto da dimensão epistemológica do paradigma qualitativo, é partilhado por Nestor Canclini (2005), quando este sugere algumas orientações metodológicas para o pesquisador, interessado em adotar o ponto de vista dos desiguais, dos deserdados e dos desconectados. Ressalta esse autor que, no momento da justificação epistemológica, é conveniente deslocar-se entre as intersecções dos cruzamentos e oposições dos dados em análise, não para meramente representar a voz dos silenciados, mas para entender em que suas demandas ou sua vida entram em conflito com outras. As categorias de contradição e conflito inserem-se, portanto, no núcleo desse modo de conceber a investigação, “Não para ver o mundo de um só lugar [...] mas para compreender sua estrutura atual e sua dinâmica possível” (CANCLINI, 2005, p. 207).

Podemos dizer que o pensamento de Canclini coaduna-se com a ideia bakhtiniana<sup>12</sup> de que a relação entre o eu e o outro não pode ser traduzida como uma noção de reversibilidade. Em outras palavras, o fato de que, na produção do conhecimento, a escuta das vozes dos pesquisados não implica em identidade entre pesquisador e pesquisado, nem o obscurecimento das relações conflituosas ou mesmo contraditórias que por acaso emergem no decurso da investigação.

Uma última palavra sobre a noção da verdade, no paradigma de pesquisa qualitativo, remete para a ideia, já apontada por Hall (1997) e vários outros pensadores e pesquisadores contemporâneos, de que toda prática social pode manifestar-se discursivamente. E, aqui encontramos mais uma vez concordância entre esses pesquisadores e o pensamento de Bakhtin, quando este afirma, em *Para uma filosofia do ato*, que o ser humano, em sua existência concreta, é compelido a agir e que é através de seus atos que o ser se reconhece e é reconhecido. Complementa aquele autor que o acesso à verdade desse ato se dá pela linguagem. Diz ele, “Tenho para mim que a linguagem seja muito mais adaptada para exprimir exatamente esta verdade (a do evento do ser) do que para revelar o aspecto lógico abstrato na sua pureza”<sup>13</sup> (BAKHTIN 1919/2010, p.83).

Dessa forma, o acesso e o reconhecimento dos atos éticos e do mundo no qual esses atos são praticados exigem a palavra em sua inteireza, em seus aspectos conceitual, imagético e avaliativo, exatamente porque os objetos a serem conheci-

---

12 A ideia de não-reversibilidade entre o eu e outro está presente em toda a obra do Círculo, sendo discutida com mais propriedade em Bakhtin (1919/2010 e 1923/2003).

13 Bakhtin refere-se à concepção de linguagem hegemônica na Linguística de seu tempo, caudatária de uma visão leibniziana do signo.

dos não são simplesmente dados, não são indiferentes, apresentam-se sempre como algo a ser realizável e desejável, com seu valor. Configura-se a relação entre a palavra e o objeto a ser conhecido e representado não como uma roupagem externa, uma entidade pronta para designar esse objeto, mas como uma relação constitutiva, sendo a palavra convocada à posição de candidata privilegiada à apreensão da natureza múltipla desse mesmo objeto. A palavra assume um posicionamento sobre esse objeto, uma atitude efetiva e interessada, em síntese uma atitude valorativa. E, nesse processo, a palavra torna-se “momento de um evento vivo” (BAKHTIN, 1919/2010, p.86).

Em resumo, ao propor uma semiotização do ato ético, o pensamento bakhtiniano partilha a noção de que as práticas sociais, realizadas pelos seres humanos, apresentam-se discursivamente, reafirmando o ponto de vista de que, através da linguagem, é possível o processo investigativo dessas práticas, vez que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos; é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 1952/2003, p.265).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esse artigo, comprometemo-nos em discutir, na esfera da produção do conhecimento, a noção de verdade e seu processo de construção em alguns pensadores do campo das Ciências Humanas, objetivando traçar possíveis semelhanças com os pressupostos presentes no pensamento de M. Bakhtin, com vistas a contribuir para a reflexão que se trava no campo da LA.

Nossa discussão aponta para a existência dessas analogias, considerando o pensamento bakhtiniano em perfeita consonância com autores da cultura contemporânea, ao considerar a ciência como uma construção social, um sistema aberto que interroga as barreiras disciplinares criadas entre ciência e filosofia, propondo um novo método que busque “não um conhecimento geral nem a teoria unitária”, mas que vise propor um caminho “que detecte, nos fenômenos sociais e humanos, as ligações e as articulações” (SCHNITTMAN, 1996, p.15).

Além disso, ao defender a pesquisa interessada, aquela que introduz a dimensão axiológica em todos os seus momentos, o pensamento bakhtiniano traz em seu bojo valiosas orientações para a compreensão e interpretação das verdades contingentes presentes nas práticas discursivas contemporâneas, referendando nossa concordância sobre o caminho produtivo que essa proposta aponta para a o campo da Linguística Aplicada, no sentido que definimos ao iniciar esse artigo.

Na dimensão epistemológica, entendemos que M. Bakhtin considera a relação entre pesquisador e pesquisado como uma relação entre sujeitos, defendendo uma produção do conhecimento que escapa de uma visão ingênua, avançando na direção de incorporar o político e o eixo valorativo (responsabilidade temática e responsabilidade moral) no cenário da pesquisa. Em outras palavras, pensar que a relação com a alteridade, seu estatuto de semelhante ou diferente, desigual ou igual, excluído ou incluído, não pode dispensar o questionamento do poder nem a eticidade das relações intersubjetivas.

Em síntese, ousaríamos dizer que a perspectiva presente nos escritos de M. Bakhtin possibilita a orientação de uma produção do conhecimento que, de um lado, assume a importância de tornar a veracidade dos fatos em verdades conhecidas, e de outro, aponta para um modo de pensar a relação entre o social e o simbólico com base em um olhar dialógico que considera a pluralidade da realidade. E como diz Bakhtin, que “o espírito uno em formação é organicamente estranho a Dostoiévsky, cujo universo é profundamente pluralista” (BAKHTIN, 1963/1981, p. 27), assim, consideramos também, que é estranha à pesquisa no campo da LA a noção de verdade única, aquela que emerge de uma única voz social.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. (1985). *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- AMORIM, M. (2007). *Raconter, démontrer, ...survivre. Formes de savoirs et de discours dans la culture contemporaine*. Paris: Éditions érés.
- BAKHTIN, M. M. (1919/2010). *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro e João editores.
- \_\_\_\_\_. (1923/2003). Autor e Herói. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1963/1981). *Problemas da Poética de Dostoiévsky*. Rio de Janeiro: Forense.
- \_\_\_\_\_. (1934/1990). O problema do conteúdo, do material e da forma. In: *Questões de Estética e de Literatura*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1934/1990) O discurso no romance. *Questões de Estética e de Literatura*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1952/2003). Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BAUMAN, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- CANCLINI, N. (2005). *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. (orgs.) (2006). *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa – teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.
- HALL, S. (1997). The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time. In: Thompson, Kenneth (ed.) *Media and cultural regulation*. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications.
- \_\_\_\_\_. (2003). Para Allon White. In: *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- KUMARAVADIVELU, B. (2006). A Linguística Aplicada na era da globalização. In: L. P. Moita Lopes (org.) *Por uma Linguística Indisciplinar*. São Paulo: Parábola.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. (1999). *A construção do saber*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- LINCOLN, Y.; GUBA, E. (2006). Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: Denzin, N. K.; Lincoln, Y. (orgs.) *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa – teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.
- MOITA LOPES L. P. da. (2006) Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: L. P. da Moita Lopes (org.) *Por uma Linguística Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial.
- \_\_\_\_\_. (2009). Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidade, ética e política. Niterói. *Revista Gragoatá*, v. 27, p. 33-50.
- OLIVEIRA, M. B. F. de (1999). Considerações em torno da Linguística Aplicada e do Ensino da Língua Materna. Natal. *Revista Odisséia*. n.3, vol.1. p. 28-41.
- PENNYCOOK, A. (2003). Linguística Aplicada pós-ocidental. In: M. J. Coracini e E. S. Bertoldo (orgs.) *O desejo da teoria e a contingência da prática*. Campinas: Mercado de Letras.
- PINTO, J. P. (2007). Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. *D.E.L.T.A*, vol.23,n.1, São Paulo, p.1-26.
- RIBEIRO, R. J. (1999). Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. *Tempo Social* (USP. Impresso), São Paulo, v. 11, n. 1, p. 189-195.
- ROJO, R. H. (2006). Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: L. P. da Moita Lopes (org.) *Por uma Linguística Indisciplinar*. São Paulo: Parábola.
- SACRISTAN, J. G. (2002). Tendências investigativas na formação de professores. In: S. G. Pimenta e E. Ghedin (orgs.) *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez Editora.
- SANTOS, B. de S. (2007). *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo.
- \_\_\_\_\_. (2008). Do Pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e outro. Disponível em [www.ces.uc.pt/misc](http://www.ces.uc.pt/misc). Acesso em fevereiro de 2010.
- \_\_\_\_\_. (2011). Épistemologies du Sud. *Révue des Études rurales*. Paris. Ehess. n. 187. p. 21-50.

- SCHNITTMAN, D. (org.) (1996). *Novos Paradigmas, cultura e Subjetividade*. Porto Alegre: Art-med.
- SIGNORINI, I. (1998). Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In: Signorini, I. & Cavalcanti, M. (orgs.) *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras.
- VOLOSHINOV, V. (1926/1997). La palabra en la vida y la palabra en la poesia. In: *Hacia una filosofía del acto ético: los borradores y otros escritos*. Barcelona: Anthropos Editorial.
- \_\_\_\_\_. (1929/1992) *El marxismo y la filosofía del lenguaje*. Madrid: Alianza Editorial.

Recebido: 14/01/2013

Aceito: 14/09/2013